

# Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 930  
GUIMARÃES, 27 de Novembro - 1949  
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313  
Comp. e Imp., Miserva Vimaraneses. Tel. 4177  
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## CEPTICISMO

Nem todos os que duvidam têm razão. Para duvidar é necessário que haja um motivo sério em que se baseie a dúvida.

A nossa imaginação, mais ou menos excitada, doentia, digamos, conduz-nos fartas vezes a destrambelhamentos que assinalam situações falsas, de todo descabidas de nexos, incoerentes, tolas até, se assim quiserem, sem pé firme em que se apoiem.

A vida, com seus enigmáticos e incompreensíveis contratempos, com amarguras sem fim, que nos afligem profundamente, gera a cada passo no nosso entendimento uma tal miscelânea de desapontamentos que podem levar a exageros sem conta e a falsidades inumeráveis.

Assim é, de facto. Mas desde que a luta se estabeleça com base em algum motivo sério, evidente, incontrovertível, o cepticismo assenta decididamente em terreno firme e passa a alastrar e a correr mundo como coisa digna de ser considerada verdadeira.

E a verdade é tudo.

Na nossa terra, desde há longos anos, viceja a flor do não te rales, que é como dissessemos — o vício de, iniciada alguma coisa de reconhecido merecimento, a breve trecho ser posta de lado, incompleta, como obra que, conquanto criada com entusiasmo, se viu, apressadamente, ser, por qualquer motivo fútil, inconveniente ou de sômos importância.

Podíamos citar exemplos vários para comprovação do que dizemos. Podíamos até apontar os responsáveis. Mas adiante, que os velhos têm de ser discretos para não agravar susceptibilidades.

Falham as energias, porque o compadrio — mal ancestral — sempre leviano e injusto, estorva audaciosamente a marcha regular e harmónica das coisas, e a falta quase sempre absoluta de perseverança torna ineficaz e infrutífera a acção dos homens. Tudo se detém diante de qualquer *fantasma* que se considerou gigantesca figura da nossa sociedade, e daí resulta que as boas iniciativas não se consumam, como aliás era mister, pondo-se de parte as melhores e mais úteis concepções.

Eis porque, a cada passo, o desalmado cepticismo nos assalta e nos força a crer, ai de nós, que o que é útil se despreza, que o que é indispensável não se completa, que o que podia dar brilho e beleza a valor à nossa terra, se abandona, em obediência a servis princípios de acatamento a falsos esplendores que a sorte architectou e uma aura balofa mantém perenes no céu da nossa pobre imaginação...

Apogeu de farsa, mas apogeu triunfante.

Quase nos falta tudo, e a despeito desta miséria palpável, temos às vezes a velocidade de supor que já alcançamos o indispensável. Pois nem isso.

Esta morbidez, este marasmo que se propagou e firmou como doença incurável, fez com que nos atrasássemos de modo tal que dificilmente poderemos salvar-nos da irrisão que sobre nós incide por parte de estranhos que nos visitam, comentando acremente a nossa desorientada conduta.

Não avançamos, retrocedemos. Amarrados a tradições, embora honrosas, captivos do passado, sem novas vibrações, amolecidos por águas... que já não movem moinhos, caminhamos como moribundos às portas da morte, alheando-nos das vivíssimas coruscações do sol dos nossos dias, que requerem ânimo decidido para obtermos o engrandecimento a que tem direito incontestável a nossa terra.

Não sabemos como se tecem estorvos a tudo o que podia marcar com brilho cada passo que damos no terreno que vimos pisando desde a infância. Como de emboscada, surgem de todos os lados os inimigos do progresso, aqueles que só têm em consideração os próprios interesses e não os da colectividade, — egoísmo feroz de criaturas que vivem exclusivamente para si, acotovelando os outros na ânsia insofrida de só eles viverem.

E não haverá remédio para este grande mal?

Creemos que sim, e mais: que está para cá de Roma.

Bastariam: boa vontade, aprumo irreflexível, indiferença por tudo quanto contrarie o que se tenha na conta de útil; enfim, um programa firme, traçado com o intuito de jamais ser menosprezado com alterações velhacamente apontadas por quem pretenda servir interesses que ofendam o bem comum.

E deste modo, de uma vez para sempre, se conseguiria realizar alguma coisa de útil em benefício da cidade e concelho de Guimarães.

Bem sabemos que estão a rir-se da nossa ingenuidade os praticantes de doutrina bem diferente, velhos enfermiços que se acomodam na vida deambulando sempre como histriões à cata de aplausos da vulgaridade insonte, concorrendo assim para os males que sentimos e deploramos.

Se tal sucede... continua triunfante o cepticismo que nos assoberba.

## Presidente da República

Por motivo da passagem, no dia 24, do seu octogésimo aniversário natalício, o Sr. Presidente da República recebeu, naquele dia, as homenagens de numerosas individualidades e do Povo de Lisboa, que se juntou, para aclamar o Venerando Chefe do Estado.

A S. Ex.ª o Sr. Marechal Carmona foram endereçados, por tal motivo, numerosos telegramas da Câmara Municipal, Comissão da União Nacional, Organismos Culturais e Económicos, outras individualidades vimaraneses, e dos Bombeiros Voluntários, este assim redigido:

Ex.ª Sr. Marechal Oscar Fragoso Carmona

LISBOA.

Excelência

Direcção e Comando dos Bombeiros Voluntários de Guimarães apresentam a Vossa Excelência rendidas homenagens pelo 80.º aniversário natalício.

## Almirante Sousa Ventura

Acaba de ser atingido pelo limite de idade, e, portanto, passado à reserva da gloriosa Marinha de Guerra Portuguesa, que tanto honrou, o ilustre vimaranesense Senhor Al-



mirante António Garcia de Sousa Ventura, que sempre dignificou, pela nobreza do seu carácter, a honra da sua farda e a superioridade da sua inteligência e cultura, a nobre terra do seu nascimento: Guimarães.

Como pertence ao número dos que, por factos, trabalharam por Portugal, receba o ilustre marinheiro as saudações do povo de Guimarães, o qual sabe sempre fazer justiça aos que são, de verdade, filhos ilustres deste grande concelho.

Muitos e grandes parabéns.

## João Mota Prego de Faria

2, Rua de Paio Galvão, 2 (Esquina Poente—Toural) GUIMARÃES

Radiologia Geral — Tomografia Exames no domicílio.

Atenção à 4.ª página

## Sensatez e oportunidade

Nós, que sempre temos estado ao lado de todos quantos pugnam pelo progresso de Guimarães, atraioáramos a nossa consciência se não manifestássemos, publicamente, à Sr.ª D. Maria Eduarda, ilustre colaboradora de «O Comércio de Guimarães», a agradável impressão que nos deixou o seu penúltimo «Bilhete Postal» pela natureza das considerações que nele fez, referentes à falta de União dos Vimaraneses, e das quais destacamos as seguintes: «*Usa-se e abusa-se da palavra bairrismo, sem que saibamos ou queiramos dar-lhe o verdadeiro significado... Repara-se, apenas, no círculo restrito e vicioso que nos cerca, para deixar alargar o vácuo, que alastra e nos distancia, cada vez mais, do ponto culminante de onde irradia a luz que nos devia dar um pouco do muito do que necessitamos. Senhores! Somos poucos, muito poucos, para vivermos desunidos. Afastam-se valores que tão necessários são à vida cidadã. Busca exaltar-se os que aparecem na arena, a espetar a farpa a torto e a direito, sem lhes perguntar quem são, de onde vieram e por onde andaram enquanto nós aguentamos o peso da hecatombe que oprimiu o Mundo!... Somos o degrau por onde trepam os que gostam de gozar de palanque, sem que venham, junto de nós, tomar lugar na trincheira de combate. Vivemos aos repêlões, enfraquecendo a resistência dos que querem trabalhar, e dando alento aos que gozam e vão colhendo proventos que só a nós pertenciam. Se é certo que aqueles que dirigem os destinos da Pátria se lhes pede que sejam, acima de tudo, portugueses e só portugueses, por que não dizer aos que conosco querem trabalhar que sejam, apenas, honestos e sempre Vimaraneses? Por que buscar descobrir pergaminhos, que nem todos sabem honrar, e dar o exemplo da discórdia, onde só devia ouvir-se e servir-se o nome de Guimarães? Somos poucos, senhores, para afastar e desprezar os poucos valores que temos...» Em nossa opinião, a referida colaboradora, que não deve ser pessoa considerada suspeita, apresenta à luz clarividente da realidade*

dos factos a sua triste e desoladora impressão sobre o que se passa em Guimarães relativamente à falta de União que existe entre os Filhos desta vetusta Terra, com manifesto prejuízo da sua prosperidade. De facto, ninguém poderá duvidar de tão grande verdade e, portanto, igualmente ninguém poderá deixar de reconhecer a sensatez e a oportunidade de quem entendeu apelar para todos os Vimaraneses no sentido de se unirem e de formarem uma força única para tudo quanto diga respeito à vida progressiva da cidade e concelho de Guimarães. Para essa União, não se tornará necessário, evidentemente, que todos comunguem no mesmo ideal político ou que todos professem as mesmas crenças religiosas. O que se torna necessário — e isso será condição essencial — é que todos colaborem com irrepreensível lealdade e dedicação e que, por isso, cada um se coloque, apenas, na fileira dos bons bairristas, ou melhor dos bons Vimaraneses, visto que estes são todos os que aspiram os melhores dias para o engran-

## OS INTERESSES DE GUIMARÃES

A convite do ilustre Presidente do Município, Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão), esteve, no domingo, nesta cidade, o Director Geral dos Serviços de Urbanização, Sr. Eng. Sá e Melo, que trocou impressões acerca de diversas obras em curso e em projecto.

O Sr. Director Geral de Urbanização, acompanhado pelo Presidente da Câmara, viu o projecto para o futuro Estádio Municipal, visitando as obras do Mercado e da Estação Elevatória da água e ainda os Paços dos Duques de Bragança, cujas obras de ajardinamento do Parque se projectam realizar em breve.

Sabemos que o Sr. Eng. Sá e Melo se mostrou deveras interessado em acompanhar de perto as obras acima referidas e possivelmente outras que estejam dentro das mais legítimas aspirações de Guimarães.

## VIOLETAS

Irmãs da gota de água a rebrilhar, Flores do meu encanto, ó violetas, Contai-me a vossa mágoa a soluçar, O' monjas solitárias e discretas.

Que diz o vosso eterno meditar, Nestas paragens frias e secretas, Onde não há, na aurora, a dealbar, O beijo matinal das borboletas?

— Somos, na angústia, esp'rança renascida... No claustro da Saudade, a escassa vida Passamos, salmodeando amarga dor...

Austeras recolhidas da Ternura, Cingimos, no silêncio da clausura, A túnica lilás do Redentor.

Novembro de 1949.

MENDES SIMÕES.

## O Rotary Club de Guimarães

prestou homenagem ao Prof. Egas Moniz

A sessão de quarta-feira do Rotary Club de Guimarães presidiu o Sr. Dr. João Afonso de Almeida, que apresentou uma importante «comunicação» da obra do Professor Egas Moniz e da atribuição do Prémio Nobel.

O trabalho do Sr. Dr. João Afonso constituiu a palestra da noite e foi escutado com o mais vivo interesse por todos os companheiros presentes e ainda pelo convidado de honra Sr. Estevão Manuel Rocha, distinto Administrador do Banco Nacional Ultramarino.

No final da sua admirável conferência — assim se pode classificar a «comunicação» que o Presidente do Rotary Club de Guimarães levou na noite de quarta-feira ao seu Club Rotário — o palestrante foi muito felicitado por todos os presentes, à maioria dos quais havia oferecido tão valiosos conhecimentos.

A propósito daquela dissertação falou, seguidamente, o vice-presidente do Club Sr. Dr. João Mota Prego de Faria que fez algumas interessantes considerações sobre o importante problema médico que em

parte foi resolvido pelo Professor Egas Moniz.

Citou, a propósito, o atentado de que há anos o Mestre foi vítima quando tratava um doente no seu consultório. E salientou a maneira calma, cheia de serenidade, heróica mesmo, quando o Doutor Egas Moniz encarou o ataque de um louco.

Todos os presentes se associaram às homenagens prestadas àquele Professor, honra da Ciência e de Portugal.

Após a leitura do expediente, que foi feita pelo 2.º secretário Sr. José Machado Teixeira, falaram ainda o Sr. Leandro Martins Ribeiro, que fez oportunas considerações sobre diversos assuntos; António de Sousa Lima e Armando Martins Ribeiro da Silva.

A quete habitual, destinada já à festa do Natal, rendeu 1.300,000.

Ao encerrar a sessão o Sr. Presidente saudou todos os companheiros assim como o convidado presente, desejando-lhes as maiores prosperidades.

Lida e actual «Notícias de Guimarães»

## Cardeal Patriarca

Passa no próximo dia 30 o aniversário natalício de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a quem «Notícias de Guimarães» apresenta os mais respeitosos cumprimentos e deseja a continuação da sua preciosa saúde.

## Museu de Alberto Sampaio

Foram superiormente ordenadas obras de limpeza e asseio nos claustros e salas do Museu Regional de Alberto Sampaio, às quais se está a proceder.

Este notável estabelecimento público chamou novamente a atenção do Estado, pelo Ministério das Obras Públicas, para a necessidade urgente da continuação das obras dos edifícios dos Paços dos Duques de Bragança, igreja de S. Domingos, igreja de Santa Marinha da Costa, igreja de Cerzedelo e igreja de S. Martinho de Candoso.

O nosso formoso Museu adquiriu recentemente algumas obras de escultura e mobiliário.

# Vem aí o NATAL!

## Os pobrezinhos esperam...

Porque se aproxima a quadra festiva do Natal, a festa mais linda do calendário, o «Notícias de Guimarães» resolve, desde já e a exemplo dos anos anteriores, abrir a sua subscrição para os pobres, para os necessitados, muitos dos quais lhe vêm lembrando já a sua situação de privações sem conta, apelando para o auxílio que possa minorar-lhes um pouco, na quadra da Festa da Família, tamanhos sofrimentos.

E porque é tradicional essa subscrição e porque a nós próprios impusemos, desde há muito, o dever de velar pelos pobrezinhos, nós recebemos, a partir desta data, os donativos que queiram confiar-nos os amigos nossos, que uma vez mais se dignem tomar parte, como valiosos e indispensáveis e generosos colaboradores, na Jornada de Benefazer que vamos encetar.

Leitor amigo, nós te pedimos para os pobres, para os doentes, para os infelizes, enfim, um donativo em nome da Caridade! Ajudai-nos leitor!

Simão António Fernandes . . . . .	40\$00
José Ramos Camisão . . . . .	20\$00
Eduardo Lemos Mota . . . . .	20\$00
João Pedro de Oliveira . . . . .	20\$00
Anónimo . . . . .	10\$00
Eduardo Leite de Faria, Taipas . . . . .	50\$00
João Teixeira de Aguiar . . . . .	30\$00
Desembargador Dr. António Carneiro, Lisboa. . . . .	30\$00
Adriano de Castro, Pedém . . . . .	20\$00
Simão Costa . . . . .	10\$00
P.º José Carlos Simões de Almeida . . . . .	20\$00
José Marques de Macedo . . . . .	20\$00
R. A. . . . .	20\$00
A. L. R. . . . .	40\$00
José Jacinto Júnior . . . . .	50\$00
<b>Transporte . . . . .</b>	<b>820\$00</b>
<b>A transportar . . . . .</b>	<b>1.220\$00</b>

**CAMISA Eva**  
Bom corte, lindos padrões, bela qualidade.

decimento da sua Terra. Intransigência política não quer significar falta de vontade de bem servir Guimarães e, nessa ordem de ideias, o Amor à Terra e à Grei deve estar acima de quaisquer outras aspirações. E por que não há-de ser assim? Por que razão não se há-de dar o nobre e simpático exemplo da Família Vimaranesense viver unida em volta da Bandeira da sua Terra? Haverá, por acaso, maus Vimaraneses? Se estes existem, achamos bem que essa qualidade seja o bastante para os pôr a distância; mas, quanto aos outros, isto é, quanto aos bons Vimaraneses — e são todos aqueles que sacrificam tudo pela vida é pelo progresso da sua Terra — nada os deverá impedir de ingressar na União de que nos veio falar a colaboradora, em referência, de «O Comércio de Guimarães». As intransigências nesse sentido, quer de um lado, quer do outro, nada mais poderão representar do que falta de compreensão do verdadeiro significado da palavra «Bairrismo» ou, então, a reservada intenção de colocar uns na situação de filhos de Guimarães e outros na de seus enteados. Há, infelizmente, quem assim pense? Talvez. Porém, faça cada um o seu exame de consciência e com certeza não deixará, depois disso, de constatar que todos não são de mais para se conseguir que Guimarães venha a ocupar o lugar a que tem direito no cortejo do ressurgimento Nacional.

colunas do «Notícias de Guimarães» e que S. M. secundou, ambos na ânsia de serem úteis a Guimarães, vai merecendo a adesão de outros valores e — pode afirmar-se — no ânimo de todos quantos amam a sua Terra acima de meras paixões de qualquer espécie.

Oxalá que possam ser levadas por diante as boas intenções daqueles que têm apregoado a UNIDADE VIMARANENSE, tão necessária hoje, mais do que nunca, e de tantos que estão dispostos a trabalhar no firme e louvável propósito de serem prestáveis à nossa tão desamparada Cidade.

### Comemoração do 1.º de Dezembro

Por iniciativa do Sub-Delegado Regional da Mocidade Portuguesa, Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, vai ser condignamente comemorada por aquele patriótico Organismo a gloriosa data do 1.º de Dezembro, devendo revestir-se de todo o brilho as cerimónias a levar a efeito e que constam do seguinte programa:

De manhã será hasteada a Bandeira da M. P. na Torre de Menagem do Castelo de Guimarães, na presença dos dirigentes e representantes dos centros da Ala de Guimarães.

Às 10 horas, será celebrada missa no templo da Colegiada, no Altar de Aljubarrota, pelo assistente religioso da Ala de Guimarães, Sr. P.º Aveilino Pinheiro Borda, com a assistência das autoridades locais e outras entidades. Um grupo coral far-se-á ouvir durante o religioso acto.

De tarde, no Teatro Jordão, gentilmente cedido pela respectiva empresa, terá lugar uma sessão solene e cultural, pública, em que será orador o Deputado da Nação, Rev. P.º Manuel Domingues Basto, Arcipreste de Fafe, seguindo-se a exibição de um filme cultural.

S. M.

N. d. R.

De novo se agita nas colunas do nosso jornal a UNIÃO VIMARANENSE que já por mais de uma vez foi sugerida em artigos vibrantes pelo nosso ilustre colaborador M.

Hoje cabe a vez ao também nosso ilustre colaborador S. M. que aplaude aquela ideia, recentemente agitada por Maria Eduarda nas colunas do nosso prezado colega «Comércio de Guimarães», como já o havia feito, há tempos e nas nossas colunas, em artigo que também firinou.

Verifica-se que a ideia que M. preconizou por mais de uma vez nas

### Arte e Crítica

#### Exposição de Pintura na Ass. Artística

**D. Marta de Oliveira d'Almeida** — a primeira senhora que bem se dignou honrar esta certamen —, caracteriza-se pelo esmero posto no trabalho que apresenta e revela-se artista de lisongeiras encantos e virtudes.

O Homem do capote encarnado, imprime-nos a frescura risonha e leda que desponta nos céus a aurora, como descobre a garra que tornou possível a aptidão e qualidade técnicas que rebrilham da sua alma surpresa e cheia de inspiração.

**Mário Monteiro Dias de Castro**, como caricaturista, é «possantamente», forte e impressivo.

Baseando-se em escola diferente das usadas pelos caricaturistas nacionais o seu traço é dominador e mordente e falga de instante a instante em frenesi de génio e de singularidade.

Conhecemos de perto a obra dos grandes caricaturistas portugueses, em cujo número avultam Rafael Bordalo Pinheiro, Ressano, Tomás Coleg, Oliveira Valente, Amarelho, Stuart, etc., e, à vista dos 3 trabalhos expostos, somos forçados a confessar que o jovem artista vimaranense não desmerece perante a fama de que se acham precedidos os nomes dos consagrados pintores e caricaturistas.

Se os rouxinóis cantam ao longe melhor canta e agrada a avezinha que fez seu ninho neste soberbo recanto minhoto e berço da Pátria.

Outra senhora, **D. Olga Pimenta**, amavelmente quis prestar o seu curso à iniciativa da direcção da «Artística», e embelecer a galeria, dos Amadores Vimaraneses com os seus inimitáveis trabalhos.

Os seus dois *croquis* Cabeça de Perdigueiro e A Dor são composições que ressaltam ao olhar de quem entende, e logo prendem pela formosura e ternura expressas no realismo das linhas.

Com que segurança **Olga Pimenta** sabe trabalhar o lápis!

Aos bons ensinamentos recebidos na nossa «Escola Comercial e Industrial», vê-la-íamos evidenciar-se deste seu acordar de desijos se outras actividades não roubassem às divagações da sua agudeza de desenho e lhe dessem tempo de sobejo para os disfrutes da sua inspiração toda feita de reconhecido talento.

E, encerrado, assim, o *Catálogo* comemorativo, mal andaríamos nós se não tivéssemos boas palavras de apreço para todos os outros que, tendo tido conhecimento de tão interessante iniciativa, só depois vieram habilitar-se às nossas impressões críticas sobre este soberbo e singular certamen — os consagrados que puderam aumentar a sua indiscutível galeria e os novos que se coroaram de claro brilho e sem temor dos desatinos que os viessem a surpreender na fria apreciação que nos vem merecendo tão sensato e perfumado retiro de Arte.

Antes, porém, de fazê-lo, desejamos confessar que não foi possível trazer à luz da existência os trabalhos desse soberbo espírito de artista que, em vida, se chamou **José Joaquim Durães**, falecido em 27 de Junho de 1892, e que soube aliar à sua qualidade de professor de música a Arte de Pintura.

Alma cerzida nos aletos dos descaentes amorosos ou místicos, e vivendo num bairro tipicamente vimaranense a Praça de S. Tiago, a sua destra soube dedilhar com maestria os acordos maravilhosos das composições que a partitura profanas ou religiosas lhe ofereciam e, outrossim, aljeirar na leveza grácil do manejo dos pincéis os sonhos vivos da sua viva ilusão.

Mas, nem só há compassiva saudade no que o fantasma escreve...

Se o astro fenecia na sua incerteza infinita, outros sóis de imaginárias delícias enchiam de luz on de raios de prata a nossa efusão de afectos ao transportem a quinta essência do céu — a alma.

Por mil modos os podemos classificar em sua grandeza, brilho e forte atracção.

A luz inspira confiança como departa um mundo de quimeras; e, ao descobri-la na ardência da nossa própria paixão, sobem de ponto os entusiasmos que, brandamente, ela sabe aquecer e doirar nos extremos dessa outra luz que desmaia das estrelas que, silenciosas, vão passando em cardumes.

E, a este passo, poderemos registar do grande *Mestre Abel Cardoso*, mais os quadros seguintes: — um Estudo para retrate, gentilmente cedido pelo Ex.º Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, feito a carvão; o Passal — óleo de propriedade do Ex.º Sr. Alfredo de Sousa Félix; e uma outra Paisagem, que é pertença do Ex.º Sr. Dr. Eduardo de Almeida — em que se evidenciam uma vez mais a secreta aliança que prende o Artista aos tesouros que a Natureza lhe ofereceu em presente, como valores acumulados em séculos de actividade e de latente transformação.

De **Augusto Joaquim Pereira de Lima**, filho do Pintor Panchores, uma Vista de S. Lázaro (Guimarães), Rua de Traz-Gaia (Guimarães) e Marinha, que encham de coloração os seus primeiros passos na difícil arte de pintar a óleo e nos afirmam a presença dum moço que não quer desmerecer do jeito e arte revelados por seu Pai.

**Joaquim Teixeira**, mercê da assistência que foi emprestada pelo Ex.º

### O TREINADOR e dois jogadores do Vitória vítimas de um acidente de viação

No penúltimo sábado, quando se dirigia a Lisboa o grupo de honra do Vitória, para ali jogar com o Benfica, um dos carros, conduzido pelo motorista e jogador António Ferreira sofreu um grave acidente nas proximidades de Coimbra, do que resultou ficar gravemente ferido o treinador do Club, Sr. Janos Biri, e com escoriações mais ligeiras a Esposa deste, e os jogadores Custódio e o já citado Ferreira.

O acidente causou consternação não só nesta cidade mas ainda em todos os meios desportivos do país.

Lamentando também o sucedido, «Notícias de Guimarães» deseja aos feridos pronto restabelecimento e associa-se às manifestações de solidariedade endereçadas à Direcção do Vitória.

### Ajudante de Guarda-Livros

Novo ainda, oferece-se, para as actividades comerciais ou industriais, dando as melhores referências. Informa-se nesta Redacção.

### Alfredo Guimarães

E' posta à venda, dentro de breves dias, a obra «Mobilário do Paço Ducal de Vila Viçosa», da autoria do escritor e académico Alfredo Guimarães, director do Museu de Alberto Sampaio.

Trata-se de um volume lúxuosamente editado pela Fundação da Casa de Bragança e a livraria Sá da Costa, de Lisboa, em condições tão excepcionais, que legítimo é supor que causarão surpresa nos meios intelectuais e gráficos do país.

### Pedimos desculpa, aos caleiros...

Das duas, uma: ou os caleiros têm importância política, ou a chuva que nos encharca é matéria abstrata, e nós andamos todos nas nuvens...

Nunca houve tantos funcionários da Câmara. O Senhor Presidente A, meteu; o Senhor Presidente B, meteu; o Senhor Presidente C, meteu; o Senhor Presidente D, meteu; e assim vimos vindo desde longe.

Pelo amor de Deus! Pois é lá possível que caiba tanta gente dentro do edificio da Câmara Municipal de Guimarães!

Um só, bem intencionado, chega para — pensamos nós — vir para a rua e apontar, com sigilo para gregos e troianos, o que, no desmaselo e pouca vergonha de caleiros, vai por esta terra de Guimarães, que não é aldeia nenhuma e não serve de pasto para calasseiros.

— Senhor Presidente, Vossa Excelência é um homem de bem, e não se esqueça, por isso, dos contribuintes da Câmara Municipal de Guimarães.

### Farmácia

Trespasa-se numa das mais importantes freguesias do concelho de Aveiro e a curta distância da cidade. Tratar com Arnaldo Ribeiro — AVEIRO.

Sr. Alfredo de Sousa Félix, demonstra mais uma vez o seu real merecimento com a apresentação do óleo, Casa Nova (Costa — Guimarães), que, na sua garbada de tons claros, completa de sobremodo o conjunto artístico que se tornou possível expor e releva as excelentes virtudes do distinto aluno da nossa «Escola Comercial e Industrial», e das «Belas Artes», do Porto.

Continua. L. Coelho.

# Águas passadas...

## Dos astros ao lodo!

Uma das virtudes políticas que vinha no bernal da República, era — o serviço militar obrigatório. Todos, ricos e pobres, sem impedimento físico, serviriam as armas. O chamado tributo de sangue seria pago por todos. Esta igualdade de tratamento perante as Juntas de Inspeção Militar fazia-se apregoar na propaganda do advento da República.

Surge o período áureo. O vinho puro dos princípios, avinagra. Se nem tudo na vinha nova do regime deu em zurrapa, deve-se isso a uma minoria de obreiros, fiéis, apesar de tudo, à boa cepa dos princípios. O enxurro não os arastou. Eram tais abencerragens conhecidos por — sonhadores. Com eles emparceirei.

Quando me batiam à porta solicitando, à velha maneira, o empenhosinho para o encravado mancoço chamado à inspecção militar, invariavelmente respondia a formal recusa:

— Não peço!

Era chamada a minha atenção para o espectáculo dissolvente dos livramentos por empenho, e eu resistia sempre, desfechando o bacamarte antipático.

Corre o tempo. As fibras da minha intangibilidade foram enfraquecendo. A acção deletéria dos maus exemplos foi-me ilaqueando. Não seria ainda a corrupção; mas era, sem dúvida, o efeito do assunto ao meu baluarte de escrupulos. Começava já a ceder. Tanto que, foi fraquejando:

— Pois sim, vamos a ver o que se consegue...

E meti a minha carta de empenho. Desci o primeiro degrau da... pouca vergonha!

Comecei por um *tã-te-vi-tã-te*, filho dum meu caseiro lavrador. O mancebo era o que se chama, um bem aventurado fraco de espírito. Razão porque o mancebo veio livre.

Chegando à aldeia, logo entrou de pipilar, chamando uns franganitos à confecção dum açafate, com destino à capoeira da minha casa.

As amaras vermelhas e a carne amarela, faziam destas penosas, uma tentação. Mas a consciência, de olho solerte,

parecia surpreender-me com este aviso amigo:

— Olha os princípios!...

Perante uma semelhante sentinela, sem coragem para me acabar de corromper, acabei por ordenar ao mancebo que trouxe a minha casa o açafate dos frangos:

— Leva a casa do Sr. Doutor.

Caiu o pano do primeiro acto. Em período de novas inspecções, surge a legião dos mancebos, pedinchando. Tornando-me almocreve do empenho desaverganhado, lá fui eu, pela segunda vez, colocar-me na vil posição de pedidor. Para mais grave, o mancebo era — uma peça inteira. Só-lido. Pois ficou livre das correas, com admiração das partes. Como era da Póvoa de Varzim, mandou-me de lá uma pescada. Grande... como o mancebo!

Que fazer? Devolve-la à origem?

Mandá-la ao júri? Não estavam já na terra os Senhores da inspecção, o que me colocou na contingência de a destinar a uma instituição de caridade.

A pescada, porém, em vez de navegar nas águas límpidas da caridade, fez um mergulho acrobático nas turvas águas da corrupção, não saindo de minha casa. Destarte, entregue à economia caseira o belo exemplar do mar alto, não tive remédio senão comê-lo: cosido, frito e assado.

Ainda se na hora das digestões me perpassasse pela consciência uma sombrasinha de remorso!

Mas não. Apenas me entreguei à filosofia acomodaticia de querer encontrar justificação para a minha total renúncia à resistência de outros tempos. E, com efeito, a deparei neste pensamento, frágil e contudente, que li em um livro de Miguel Torga:

— A vida dos homens anda cheia de milhentas contradições.

Sou, afinal, como os mais. Ai de mim!

Quinta das Aves Delães A. L. de Carvalho.

## MINHA SENHORA...

Não há necessidade de apanhar chuva, quando na EVA estão à venda os afamados Impermeáveis TOPE.

## FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Atxço: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Presidente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais. SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

## PRÉDIO Na Rua Francisco

Agra, 49 — Guimarães, com 3 andares, rez do chão, quarto de banho, varandim e quintal, **aluga-se ou vende-se**, facilitando-se o seu pagamento. Para ver e tratar, falar no estabelecimento de António Maria Pimenta Machado.

## Explicações

Pessoa devidamente habilitada lecciona a rapazes e meninas para: Curso Comercial; 1.º Ciclo do Liceu; Exame de admissão ao Curso Comercial e Liceu; 1.º e 2.º graus da Instrução Primária; Concurso para os Correios. Pedir informações das 8 às 10 horas e das 18 às 20 horas, na Praça de S. Tiago, 28 — Guimarães.





# O OUTONO...

...Em breve, numa lenta decomposição, amarelece a folhagem das plantas com rajadas de um acastanhado sanguineo; finas gotas de prata luzidia rolam e caem em névoas de claridade sobre a terra; o vento começa a soprar mais forte, e as nuvens cor de chumbo vão surgindo carregadas de chuva que vai turvando as águas dos rios e submergindo as rhotas que o estio havia posto a descoberto.

A nossa costa marítima é, agora, escala de passagem, em direcção Norte-Sul, das aves migradoras que até nós vieram de longínquas distâncias, ou que pelo nosso país passaram em direcção ao Norte, no estio. Lá vão as Rolas, os Tarlhões, as Poupas, os Cucos e Andorinhas, enfim, toda a gama destes nossos hóspedes e visitantes da época quente e florida.

Em Setembro, o movimento migratório de retorno acentua-se. Entretanto, vão chegando as espécies do Norte, e em Outubro está a emigração outonal feita.

O restante povo alado — sedentário entre nós — que a par das outras que partiram vivas no estio entregue às suas organizações de amor, exibindo individualmente os seus desantes na miragem de conquista da sua futura companheira, mal se ouve, assim, agora; a beleza do seu cantar, que tanto alegrava a natureza rejuvenescida, quase que desapareceu; e as poucas notas que restam, roucas e enfraquecidas, são absorvidas pelo todo, pela colectividade, comunidade em que nenhuma arte individual se pode evidenciar. Quando muito, apenas nas manhãs sorridentes um ou outro grupo sauda o nascer do sol, com uns gorgeios mais doces de felicidade.

E quando o poente tinge de violeta sombrio o céu e a água dos rios, a pardalada piando desolada, em bandos enormes, dirige-se lampeira para o aconchego da folhagem das árvores, vozeando sempre e ruidosamente, como que em contínuos queixumes pelo frio que a enregelou, ou como que maldizendo a desilegância da cor sombria que o inverno na plumagem lhes faz realçar, ou ainda como que para se assegurar da presença unânime da grei.

Até aqui, muitos milhares de espécies deslisaram já para o Sul, migrando para climas mais quentes — para os seus quartéis de inverno...

... E nós, desprovidos de asas para voar e de passaporte a seu modo, por aqui ficamos, a lutar contra o frio, ao mesmo tempo que alimentamos, ansiosos, a doce esperança de as ver voltar — anunciadoras, como sempre, da grande força animadora que faz rejuvenescer a face da terra, símbolo máximo e radioso da vitória sobre a época triste.

Outubro de 1949.

Alex.

## Prédios -- Vendem-se:

Na Rua Gil Vicente, n.º 59 a 65, habitação devoluta; N.º 67 a 77, para comércio, indústria e habitação, toda devoluta.

Mostra as mesmas, no n.º 73.

## QUINTA VENDE-SE

Na freguesia de Alães, composta de boas terras de semeadura, mato e arvoredos, com casa de senhorio e caseiro. Rende anualmente 7 carros de cereais, muitas frutas e vinho. Informa esta Redacção.

# Cobrança do imposto de cubata em Capangombe 1918

Calculei por um meio termo entre o que um queria e o que o outro não desejava dar seria talvez a melhor solução e, por certo, a mais justa, e, a par certo silêncio de circunstância proferi a sentença.

O queixoso recebia o número de cabeças que lhe foi roubado e, como indemnização, metade do que reclamava; o arguido tinha de se submeter a esta sentença se queria estar nas boas graças do Chefe; para ambos passaria um documento de como as duas partes aceitavam esta decisão, para não voltarem a questionar sobre este assunto.

A sentença foi recebida com agrado pelo público e pelas partes que lá se compuseram como vim depois a saber. Isto valeu-me o ter tido, enquanto andei nessa diligência da cobrança do imposto audiências quase todos os dias, mas também muito me auxiliava na cobrança, porque encontrei em toda a parte os contribuintes a postos e com o dinheiro na mão para entregar.

E no dia aprasado lá segui como anunciara, primeiramente para o Chão da Chela, na subida do Bruco, onde o visconde de Girál tinha uma fazenda que produzia o melhor café que tenho provado.

Na casa do Administrador dessa plantação estava reunido o pessoal da exploração e o gentio daqueles arredores.

Verificando pelo recenseamento dos anos anteriores e ninguém faltou, e até alguns se inscreveram de novo e pagaram.

O dinheiro que apresentavam, quer aqui, quer nas outras partes, era na sua maioria em cobre, algum em prata e somente o administrador pagou pelos seus serviços em notas.

O gentio trazia o seu dinheiro numa saquinha, ou coisa parecida, e despejava-o em cima da mesa; contava-se até à importância do imposto e entregava-se-lhe o resto, porque nunca aconteceu que trouxessem a menos.

Mas o que os espantou, e eu notei, foi o facto de lhes contarem o que traziam, tirarem-lhe uma parte, e darem-lhe o resto — este resto é que, parecia, lhes causava confusão, por naturalmente não estarem habituados a esta generosidade.

E recebiam o papelinho, que era o recibo, que estantemente se recomendava que guardassem.

E assim prosseguiu sem qualquer embaraço essa peregrinação por terras de Capangombe, sem mais trabalho do que o de mandar avisar com antecedência a minha chegada.

Segui pelo Sul do Posto, voltei por Oeste para Norte e terminei a Leste, visitando toda aquela gente que me recebeu com as maiores provas de respeito.

O dinheiro como era na sua maioria em cobre, teve de ser metido em sacas que, de certo ponto em diante, foi transportado por carregadores, a quem eu pagava, com a ideia, aliás justa, de ser reembolsado pelo Estado, no final.

Ao chegarmos ao Muninho, no quilómetro 101 do C. F., onde havia um apedeiro, entreguei ao condutor do comboio alguns milhares de escudos em moedas de um e dois centavos, vintens e dez réis, acondicionados em sacos, para fazer entrega na Circunscrição; a prata que ainda era em pequena quantidade, e em moedas de vinte e cinquenta centavos, foi-me depois trocada por notas por algumas pessoas de Mossamedes que, diziam, precisavam de trocos, e algumas até para colecções.

Um mulato apareceu-me com duas libras em ouro para o pagamento dos seus serviços, e tive de recorrer a um jornal dos mais recentes, para saber a cotação, de que ainda me recordei, e que era de sete escudos!!

Também essas duas libras foram depois trocadas por colecionadores, tanto mais que me recordei de que nesse mesmo ano subiram para vinte escudos.

No Muninho, na Fazenda muito arruinada, que ali tinha a casa do visconde de Girál, ofereceram-me um cabaz de tangerinas tão boas como as do Mirrado da Chibia, e de que nessa manhã, enquanto presidia à cobrança, devorei umas trinta.

Seguindo pelo Norte da área do Posto, pelas proximidades do Morro Maluco, lá em certa aldeia indígena mostraram-me um mucanala, gentio arredado do convívio dos outros, e vivendo nas encostas da serra como animais bravios.

Tinha muito interesse de conhecer o modo de vida dessa gente, e esse homem que me trouxeram, prometendo eu ir apenas acompanhado de um outro guia, prestava-se a mostrar-me as suas habitações e a dizer-me o que eu quisesse sobre os seus costumes.

Dizia-me que viviam em grandes cavernas da encosta da Chola, distantes dali alguns quilómetros, e que lá havia, pelo que pude perceber da conversa com vários intérpretes da ocasião, pinturas e desenhos nessas furnas, mas existentes há muito, não sendo da autoria dessas pobres criaturas.

Essa tradição me foi confirmada por colonos ali nascidos e que lida-

# LEILÃO DE PENHORES EDITAL

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA  
CASA DE CRÉDITO POPULAR  
AGÊNCIA N.º 69  
GUIMARÃES

Avisam-se os mutuários que no dia 16 de Janeiro próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Agência n.º 7 — Rua Fernandes Tomaz n.º 553 — Porto, ao leilão de todos os penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 6 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 21 de Novembro de 1949.

456 O Chefe da Repartição,  
a) FRANCISCO CORDEIRO.

## ATENÇÃO

Para se conduzir automóvel é preciso adquirir a Carta. Não perca tempo. Dirija-se ao carro de instrução «Ford». Frequentar esta escola é ter a certeza de tirar rápido a Carta. Lições à hora e por contrato, com Carta garantida.

Não confunda: Carro de instrução «Ford», do instrutor PEREIRA.

## Gasa com garage e quintal

Pretende-se, por aluquer, casa de construção moderna e confortável, dentro da cidade, para habitação.

Nesta Redacção prestam-se esclarecimentos.

vam de longe a longe com essa gente esquiava.

Na ocasião não pude fazer essa interessante averiguação, por ter urgência de completar o serviço da cobrança, e depois fui chamado a Mossamedes, não tendo voltado a Capangombe senão passados meses e, quando desejava efectivá-la, nem tinha tempo, nem o mucanala tornou a aparecer, nem nenhum outro, apesar de ter tentado ir lá.

No entanto comuniquei a pessoas amigas este assunto que poderia merecer uma consideração que não lhe deram, naturalmente por julgarem ser uma fantasia minha ou dos mucanalas.

Depois lá cheguei novamente a Capangombe, onde completei a cobrança com mais recenseados, e apenas com a falta de três dos anos anteriores, dos quais um tinha morrido e os outros dois emigrado para outras regiões onde pagaram o imposto.

Ora esta operação, depois das diligências policiais, previa-se que não fosse assim tão fácil como correu, mas não acarretou dissabores, aumentou a cobrança e restabeleceu a confiança das autoridades sobre os indígenas.

E como assim sucedeu, e as autoridades administrativas consideraram elogiosamente o meu trabalho, nem fui louvado, o que menos me interessava, nem a Fazenda arranhou processo de me pagar as percentagens do imposto, devidas por lei; mas por especiosas razões, com que me calaram, na minha ignorância dessa alfurja que eram os Serviços da Fazenda, nem me deram a prometida ajuda de custo, nem a gratificação de Chefe de Posto, nem me pagaram os carregadores que andaram com o dinheiro às costas, nem o transporte dele no Caminho de Ferro.

Tudo isto não sei por que artes da minha nomeação não ter sido mencionada no Boletim Oficial, e, pelo que depois vi, mesmo que o fosse, por falta de verba, diziam eles.

O certo é que não me pagaram nada e andei positivamente a trabalhar pró Bispo...

Eu tinha obrigação de conhecer certos serviços, que não tinham outra visão que não fosse a de soletarem mal o texto da Lei, para não me meter em tal diligência sem a documentação precisa para não contrariarem as disposições do Governador e do Administrador, que bem se esforçaram por moverem aquelas empedernidas criaturas, mais difíceis de arrear de uma teimosia que o clássico animal...

Mas como toda a gente dizia que eu era bom rapaz... lá me conformei...

(De um projecto de memórias).  
Jugueiros — Felgueiras, 9-11-49.

A. de Quadros Flores.

MÁRIO KOL DE ALVARENGA, ENGENHEIRO-CHEFE DA 1.ª CIRCUNSCRIÇÃO INDUSTRIAL, faz saber que:

Adão Carlos Pereira Guimarães, requereu licença para instalar uma fábrica de tecelagem de algodão, de seda e de mistos com algodão, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio e fumos, no lugar da Baganheira, freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, nascente e poente com Armindo Portas, e sul com a Estrada Nacional;

— A firma Alberto Pimenta Machado & Filhos, requereu licença para instalar uma oficina de urdidura, com tinturaria e branqueação, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, emanações e fumos nocivos, cheiro e inquinação das águas, na Avenida Conde de Margaride (antiga dos Pombais), freguesia de Creixomil, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com a Avenida Conde de Margaride, sul com terrenos do Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses, nascente com terrenos do requerente, e poente com a fábrica de pentes da firma «Andrade & C.ª, Ltd.ª»;

— Bernardino Machado Leite, requereu licença para instalar uma oficina de tecelagem de seda e algodão, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incêndio, na Rua Latino Coelho, freguesia de Caldas de S. João, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com prédio de Herdeiros de António José da Silva Bastos Júnior, sul e poente com terrenos dos mesmos, e nascente com caminho público;

— Manuel Ribeiro Salgado Barreto, requereu licença para instalar uma oficina de cutilaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, fumos, poeiras e perigo de incêndio, no lugar do Assento, freguesia de Sande — S. Martinho, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com caminho público, sul e nascente com quintal, e poente com habitação do requerente;

— A firma Domingos Lopes de Barros, Ltd.ª requereu licença para instalar uma fábrica de meias, com tinturaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio e fumos, emanações e fumos nocivos e inquinação das águas, na Avenida dos Pombais, freguesia de Creixomil, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com o regato, sul com prédio da Cooperativa «O Problema de Habitação» nascente com terrenos do herdeiros de Domingos de Sousa Vinagreiro, e poente com prédio de «Abel Machado de Faria & C.ª, Ltd.ª».

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos, nesta Circunscrição, com sede no Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 805.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 11 de Novembro de 1949.

O Engenheiro-Chefe,

Mário Kol de Alvarenga.

# CARTA DE VIZELA

Contra factos

Não podemos deixar passar sem um escrito para dizer alguma coisa sobre o caso que, na nossa Terra, é único e que a todos nós merece o mais vivo aplauso.

A Comissão Administrativa dos Bombeiros Voluntários de Vizela, adquiriu, na casa Sociedade Comercial Santos, L.ª do Porto, um chassi «Studebaker», que o navio «Abyroru» e barcou em Nova Iorque no mês findo e que chegou ao Porto em 9 do corrente, que se destina à gloriosa corporação dos nossos Bombeiros Voluntários.

Banalisíssima notícia para outras terras e outras gentes, mas destacada, grandiosa, para Vizela, onde em tudo e por tudo se faz crítica e se procura encerrar as melhores intenções.

A benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Vizela, à frente da qual, como seus primeiros comandantes, se encontram figuras marcantes, pela educação e estima que lhes consagra a população, bem como em igualdade se reconhece a Comissão Administrativa, da qual foi ornamento o saudoso Sr. Domingos Ribeiro, não se pouparam a trabalhos e sacrifícios, e como prova de tal actividade apresentaram hoje um novo elemento indispensável à vida dos beneméritos Saldados da Paz.

Volta a afirmar que a velhinha corporação que tantos e tão assinalados serviços tem prestado a esta vila e até a dezenas de freguesias do nosso concelho e de fora, é merecedora do mais acrisolado amparo, seria fastidioso, porque o seu exemplo de amor ao próximo, à sua prontidão, são bem a tradição do Bombeiro Voluntário Português a fazer pela classe.

Chamar-lhe Legião do amor é pouco.

Não existe termo preciso, completo, que defina bem a grandeza dos Bombeiros de Portugal.

Vizela tem vaidade nos seus heróicos Soldados da Paz, que enriquecem as tradições do nosso concelho, e que são ornamento vistoso, rico, das glórias do mais querido distrito de Portugal.

Chega hoje, talvez, o novo «Studebaker», que vem enriquecer, um pouco, o pobrezinho material dos Bombeiros Voluntários de Vizela e que se fica devendo à dedicação e ao bairrismo dos Srs. António Monteiro da Silva, António de Sousa Oliveira e do recentemente falecido Domingos Ribeiro, que, alheios a sacrifícios, bateram a todas as portas, mendigando aqui e ali, a fim de animar um pouco mais o frio que se passava.

Que a população vizelense auxilie, agora, a restante obra do carro, o seu equipamento, são os nossos votos, para que no próximo ano, com a ajuda de Deus, com a vontade do Governo da Nação, possamos ver, apretrachada, grandiosa, como gloriola já é, uma das mais antigas corporações de Bombeiros Voluntários, e que faz parte distinta do concelho onde nasceu Portugal.

Que os vizelenses não olvidem o trabalho dos Comandos e Comissão e não deixem de estar firmes e prontos para mais um sacrifício, ou seja a conclusão do carro, a fim de dar migalhas aos que, tantas vezes, com sacrifício da vida, nos vêm salvar o pão, é o que desejamos ver, em homenagem aos mais d' semidos Soldados de Portugal, os Bombeiros Portugueses. — C.

António José Pereira de Lima.

O Provedor,

# Irmãndade de N. Senhora do Carmo da Penha

## ASSEMBLEIA GERAL

São convidados os Irmãos eleitores a reunir na Casa do Despacho desta Irmãndade, no segundo domingo do próximo mês de Dezembro (dia 11), pelas 10 horas, para a eleição da Mesa Administrativa para o ano de 1950.

Se não comparecer o número legal de Irmãos ficará a eleição adiada para o domingo imediato (dia 18), no mesmo lugar e hora, nos termos do art.º 2.º dos Estatutos.

Guimarães e Secretaria da Irmãndade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, 25 de Novembro de 1949.

O Juiz da Irmãndade,

João Rocha dos Santos.

# Irmãndade de N. Senhora da Consolação e Santos Passos

## ASSEMBLEIA GERAL

Convidam-se todos os Irmãos a comparecer na Sala das Sessões, anexa à sua Igreja, no Largo da República do Brasil, no dia 4 do próximo mês de Dezembro, pelas 9 horas, para dar cumprimento ao preceituado no art.º 22.º do Compromisso desta Irmãndade e da lei vigente.

Não comparecendo número suficiente de Irmãos, desde já se faz nova convocação para o domingo, 11, à mesma hora e no mesmo local.

Guimarães e Secretaria da Irmãndade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 25 de Novembro de 1949.

O Provedor,

António José Pereira de Lima.

## Aproxima-se o NATAL!

Eis a preocupação dos pequeninos e dos grandes.

Para alindar o vosso Lar visita a Casa de Santa Teresinha, onde encontrareis um grande sortido de artigos para essa quadra, assim como uma grande colecção de Imagens, velas de cera, etc., etc.

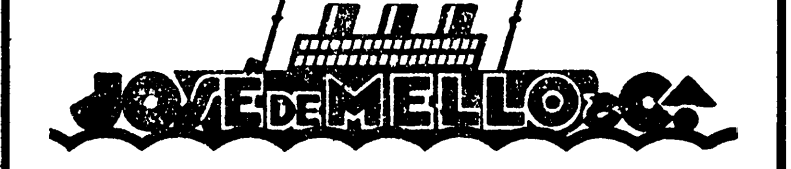
Visitai, pois, a

Casa de Santa Teresinha

Rua da República — GUIMARÃES.

## Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.



ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retom e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Ext. 57

# MADEIRA DE CASTANHO

COM 6 E 8 ANOS DE SECAGEM

## A. CASTRO & IRMÃO

Vendem desde 1.700\$00 cada m³ assim como todas as madeiras de construção civil, aparelhadas e em pelo, a preços de concorrência. Visitem esta estância, à Rua Abade de Tagilde — Avenida Alberto Sampaio, próximo à Senhora da Guia. Telefone p. f., 4286 — Guimarães.

Adelino de Castro Costa, António de Castro.

Lêde e assinal o «Notícias de Guimarães»